

João Moojen e o Jardim Zoológico Experimental de Viçosa: uma visão pioneira sobre refaunação neotropical

RESUMO

O estudo destaca o caráter pioneiro do zoólogo João Moojen ao propor a reintrodução de fauna e reconhecer o valor intrínseco dos animais, para além do utilitarismo. Com base em relatórios internos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais, em Viçosa, documenta-se sua iniciativa de implantar um Jardim Zoológico Experimental na década de 1930. Mesmo após sua saída em 1937, há evidências de manutenção de animais silvestres em cativeiro até o fim dos anos 1940. A proposta de Moojen incluía o “repopoamento” de áreas empobrecidas, revelando uma visão precursora sobre manejo e conservação da fauna.

PALAVRAS-CHAVE

Conservação *ex situ*; Mammalia; Reintrodução; Universidade Federal de Viçosa

ABSTRACT

This study highlights the pioneering role of zoologist João Moojen in proposing fauna reintroduction and recognizing the intrinsic value of animals beyond utilitarian perspectives. Based on internal reports from the Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais in Viçosa, we document his initiative to establish an Experimental Zoological

Garden in the 1930s. Even after his departure in 1937, there is evidence that wild animals continued to be kept in captivity until the late 1940s. Moojen's proposal also included the "repopulation" of depleted areas, revealing an early and forward-looking perspective on wildlife management and conservation.

KEYWORDS

Ex situ conservation; Mammalia; reintroduction; Universidade Federal de Viçosa

O zoólogo João Moojen de Oliveira (1904-1985) desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da zoologia no Brasil (Avila-Pires, 2005). Entre suas diversas atuações, destacam-se a chefia da Divisão de Zoologia do Museu Nacional, sua atuação como diretor do Departamento de Proteção à Natureza e os cargos docentes na Universidade de Brasília e Universidade Federal do Rio de Janeiro (Nomura, 1993). Sua longa trajetória como docente e pesquisador teve início na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV), posteriormente transformada na Universidade Federal de Viçosa. Moojen permaneceu em Viçosa entre 1933 e 1937, período no qual atuou como chefe do Departamento de Biologia e lecionou Biologia Geral, Entomologia, Parasitologia e Zoologia.

Um aspecto pouco explorado na literatura biográfica sobre Moojen é sua iniciativa de criar um Jardim Zoológico Experimental durante sua permanência na ESAV (Nomura, 1993; Avila-Pires, 2005). Nesse sentido, o objetivo desta nota é resgatar historicamente a criação e a manutenção desse Jardim Zoológico, destacando seus objetivos explícitos de manejo de fauna conforme propostos por Moojen.

Para tanto, analisamos relatórios elaborados por Moojen nos anos de 1933, 1934, 1936 e 1937, quando atuava como chefe do Departamento de Biologia da ESAV. Também foram examinados relatórios da Seção de Zoologia do mesmo departamento, redigidos por José Marcondes Borges em 1945, 1946 e 1947, bem como seu acervo fotográfico pessoal, posteriormente doado à UFV. Todos os documentos encontram-se depositados no Arquivo Central e Histórico da instituição e estão disponíveis em formato digital (<https://atom.ufv.br/>).

No primeiro ano à frente do departamento, Moojen registra, em seu relatório, a proposição do Jardim Zoológico da ESAV (Figura 1), atribuída ao professor Herman Kleerekoper (Moojen, 1933). O autor destaca a urgência de sua implementação, considerando que, naquele momento, já eram mantidos em cativeiro um lagarto (provavelmente *Salvator merianae*), um “galináceo” (provavelmente *Penelope obscura*), um xenartro, um primata e um canídeo (Moojen, 1933). As fotografias anexadas ao relatório revelam condições precárias, com estruturas provisórias e diferentes espécies alojadas em conjunto (Figura 2). A área proposta para a instalação do zoológico situava-se entre a linha férrea e a pocilga, próximo à onde, atualmente, se encontra a Biblioteca Central da UFV (Figura S1).

Em 1934, a coleção de animais vivos incluía indivíduos de preguiça (*Bradypus variegatus*), bugio-ruivo (*Alouatta guariba*), capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) e macaco-prego (*Sapajus* sp.), mantidos, segundo o relatório, em condições precárias (Moojen, 1934). Em 1936, conforme registrado no relatório do Departamento de Engenharia Rural, foi realizada a terraplenagem da área destinada ao zoológico (Machado, 1936). No entanto, o relatório anual de Moojen desse mesmo ano não menciona o empreendimento, destacando apenas a

preparação de uma pele montada (taxidermia) de um exemplar de bugio-ruivo (espécime MZUFV 002), possivelmente oriundo do plantel anteriormente citado (Moojen, 1936).

Em 1937, já em tom mais pessimista, Moojen registra o “malogro completo da realização do Parque de Experimentação zoológica [sic]” (Moojen, 1937). No mesmo documento, atribui a interrupção do projeto à decisão da diretoria, que considerou a iniciativa carente de finalidade econômica e não prioritária do ponto de vista científico. Apesar disso, Moojen elenca possíveis vantagens da implantação de um zoológico, entre as quais se destaca a criação de mamíferos e aves de valor cinegético ou alimentar, bem como seu potencial para programas de *repovoamento* (ênfase nossa).

Após sua saída da ESAV, em 1938, quando assumiu o cargo de professor-chefe de História Natural na Universidade do Brasil (Nomura, 1993), as menções ao Jardim Zoológico tornam-se esparsas. Referências posteriores foram encontradas em três relatórios elaborados por José Marcondes Borges (1945, 1946, 1947), então chefe da seção de Zoologia. Em 1945, menciona-se a carência de infraestrutura, como jaulas e coelheiras. Em 1946, registra-se a presença de oito capivaras e a doação de uma jaguatirica (*Leopardus pardalis*). Já em 1947, o relatório apresenta um panorama mais detalhado, incluindo 11 capivaras, uma paca (*Cuniculus paca*), uma cotia (*Dasyprocta* sp.) e um preá (*Cavia* sp.), além do registro da morte da jaguatirica doada no ano anterior.

Um episódio relevante relatado por Borges refere-se à doação de uma anta (*Tapirus terrestris*) por José de Melo Soares de Gouveia, então diretor da instituição. O animal, inicialmente mantido nos piquetes da Zootecnia, teria escapado e, ao cair em uma estrutura associada ao manejo sanitário do rebanho, veio a óbito (Borges, 1947). No mesmo ano, há registro fotográfico de uma onça-pintada (*Panthera onca*) em cativeiro no acervo de José

Marcondes Borges, embora o animal não seja mencionado no relatório correspondente (Borges, 1947). Considerando que a fotografia é datada de outubro de 1947, enquanto o relatório foi assinado em setembro do mesmo ano, é plausível que o espécime tenha chegado à instituição posteriormente à elaboração do documento. Ao final do relatório, Borges enfatiza a precariedade da infraestrutura disponível, destacando a necessidade de investimentos básicos, como jaulas, viveiros, divisões internas e abastecimento de água.

Dos relatos sumarizados, depreende-se que João Moojen já manifestava uma preocupação consistente com a conservação da fauna. Ainda na década de 1930, o zoólogo figurava entre os poucos a reconhecer um processo de “despovoamento” de vertebrados terrestres e aquáticos, especialmente na Zona da Mata mineira (Moojen, 1934). Evidencia-se também sua atenção ao manejo de fauna, ao considerar a criação *ex situ* como etapa estratégica para a posterior reintrodução de espécies em ambientes naturais.

O conceito de “refaunação”, derivado do inglês *rewilding*, refere-se à reintrodução de espécies-chave em ambientes faunisticamente empobrecidos, com o objetivo de restabelecer interações ecológicas perdidas. Entre os principais fundamentos científicos dessas ações está a recuperação dessas interações por meio da reintrodução de espécies originais ou de seus parentes próximos (Soulé & Noss, 1998; Fernandez et al. 2017; Galetti et al. 2017; Heinen et al. 2025). Embora o termo *rewilding* tenha sido cunhado na década de 1980, sua incorporação à literatura em português ocorre apenas mais recentemente, sobretudo após 2015 (e.g., Ferreira 2015). Isso não implica a ausência prévia de iniciativas de reintrodução no país, como evidenciado por diversos estudos (e.g., Konstant & Mittermeier, 1982; Pacheco, 1988, 1994; Sick, 1997), mas sim a inexistência, à época, de uma terminologia consolidada para descrevê-las.

Relembrar essa trajetória evidencia que, muito antes da consolidação conceitual da “refaunação” na literatura científica, já estavam presentes, ainda que de forma incipiente e pouco sistematizada, elementos centrais dessa abordagem. As iniciativas e reflexões de João Moojen revelam uma compreensão precoce da necessidade de manejo conservacionista, incluindo o papel estratégico da criação *ex situ* e do eventual repovoamento de ambientes naturais. Embora limitadas por restrições institucionais, infraestrutura precária e pela ausência de um arcabouço teórico consolidado, tais experiências antecipam princípios que hoje estruturam programas de *rewilding*. Nesse sentido, a recuperação histórica desses esforços, além de resgatar uma contribuição pioneira e negligenciada, também contribui para contextualizar o desenvolvimento das práticas contemporâneas de conservação no Brasil, evidenciando continuidades entre iniciativas do passado e abordagens atuais.

REFERÊNCIAS

Avila-Pires FD. 2005. João Moojen (1904–1985). Arquivos do Museu Nacional 63(1): 7-12.

Borges JM. 1945. Relatório da Seção de Zoologia do Departamento de Biologia durante o 2º semestre de 1945. Escola Superior de Agricultura do Estado de Minas Gerais, Viçosa, MG. Relatório institucional.

Borges JM. 1946. Relatório da Seção de Zoologia do Departamento de Biologia ao ano de 1946. Escola Superior de Agricultura do Estado de Minas Gerais, Viçosa, MG. Relatório institucional.

Borges JM. 1947. Relatório da Seção de Zoologia do Departamento de Biologia ao ano de 1947. Escola Superior de Agricultura do Estado de Minas Gerais, Viçosa, MG. Relatório institucional.

Fernandez FAS et al. 2017. Rewilding the Atlantic Forest: Restoring the fauna and ecological interactions of a protected area. *Perspectives in Ecology and Conservation* 15(4): 308-314. <https://doi.org/10.1016/j.pecon.2017.09.004>

Ferreira ET. 2015. Avaliação do impacto e percepções de infrações contra a fauna terrestre em unidades de conservação estaduais de proteção integral do Rio de Janeiro. Mestrado Profissional em Biodiversidade em Unidades de Conservação, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro/Escola Nacional de Botânica Tropical, Rio de Janeiro, Brasil.

Galetti M et al. 2017. Ecological and evolutionary legacy of megafauna extinctions. *Biological Reviews* 93(2): 845-862. <https://doi.org/10.1111/brv.12374>

Heinen JH et al. 2025. Species introductions shift seed dispersal potential more than extinctions across 120 island plant–frugivore communities. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 122(41): e2423438122. <https://doi.org/10.1073/pnas.2423438122>

Konstant WR, Mittermeier RA. 1982. Introduction, reintroduction and translocation of Neotropical primates: past experiences and future possibilities. *International Zoo Yearbook* 22: 69-77. <https://doi.org/10.1111/j.1748-1090.1982.tb02010.x>

Machado MN. 1936. Relatório anual do Departamento de Engenharia Rural e Mathematica. Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Geraes, Viçosa, MG. Relatório institucional.

Moojen J. 1933. Relatório anual do Departamento de Biologia. Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Geraes, Viçosa, MG. Relatório institucional.

Moojen J. 1934. Relatório anual do Departamento de Biologia. Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Geraes, Viçosa, MG. Relatório institucional.

Moojen J. 1936. Relatório anual do Departamento de Biologia. Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais, Viçosa, MG. Relatório institucional.

Moojen J. 1937. Relatório anual do Departamento de Biologia. Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais, Viçosa, MG. Relatório institucional.

Nomura H. 1993. João Moojen de Oliveira (1904-1985). Revista Brasileira de Zoologia, 10(3): 553-558. <https://doi.org/10.1590/S0101-81751993000300024>

Pacheco JF. 1988. *Pyrrhura cruentata*: status no município do Rio de Janeiro. Boletim da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza 23: 104-120.

Pacheco JF. 1994. *Diopsittaca nobilis* e *Brotogeris chiriri*: introdução no Rio de Janeiro. Atualidades Ornitológicas 63: 3

Sick H. 1997. Ornitologia Brasileira, uma introdução. Nova Fronteira, p. 369-374.

Soule M, Noss R. 1998. Rewilding and biodiversity: complementary goals for continental conservation. Wild Earth 8: 19-28.

Legendas de Figuras

Figura 1. Projeto do Jardim Zoológico Experimental da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV), em Viçosa, atribuído ao professor Herman Kleerekoper, datado de 1933. O documento original encontra-se depositado no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa (<https://atom.ufv.br/>).

Figura 2. (A–B) Fotografias anexadas ao relatório anual do Departamento de Biologia da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV), em Viçosa, elaborado por João Moojen em 1933. As imagens documentam animais mantidos em cativeiro em instalações provisórias: (A) bugio-ruivo (*Alouatta guariba*) e capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*); (B) preguiça-comum (*Bradypus variegatus*). (C–D) Fotografias do acervo pessoal de José Marcondes Borges, professor da ESAV, retratando (C) uma jaguatirica (*Leopardus pardalis*) mantida em cativeiro, provavelmente o indivíduo mencionado por Borges, que morreu em 1947, e (D) uma onça-pintada (*Panthera onca*) cativa na ESAV, fotografada em outubro de 1947. Os documentos originais encontram-se depositados no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa (<https://atom.ufv.br/>).